

CRIANÇAS DE HOJE, PROFESSORAS DO PASSADO: DIFICULDADES NO ENSINO–APRENDIZAGEM DA LINGUA ESCRITA

ELISÂNGELA DE MELO PAES LEME MENEZES (UFMT).

Resumo

Nesta comunicação apresento parte de uma pesquisa qualitativa, cuja finalidade é compreender melhor as dificuldades apontadas por professoras no processo de aprendizagem da linguagem escrita. Fundamentada nos pressupostos da abordagem sócio interacionista, será enfocada a importância do papel do adulto como mediador no ensino, despertando na criança o desejo de aprender. A pesquisa está sendo realizada com crianças indicadas por professoras para atendimento psico–pedagógico– como de difícil aprendizagem e comportamento – das séries iniciais do ensino fundamental, numa escola de Rondonópolis, em Mato Grosso. Os procedimentos metodológicos incluíram entrevistas, questionários com professoras e crianças, observação da prática docente e registro do atendimento semanal das crianças indicadas para apoio psico–pedagógico, durante um semestre letivo.

A expectativa com relação aos resultados é provocar uma reflexão sobre as práticas escolares de leitura e escrita do professor nos tempos atuais, enfatizando os valores da cultura do consumo e do prazer imediato provocado pelas exigências da modernidade que se manifestam/evidenciam no processo de aprendizagem da linguagem escrita. Procurando compreender as razões do encaminhamento pelas professoras e o desempenho das crianças, uma análise provisória indica dificuldades de compreensão por parte de algumas professoras dos valores constitutivos da subjetividade infantil da criança contemporânea. Acredito que conhecendo melhor e respeitando essa subjetividade, seja possível refletir sobre suas implicações e proporcionar/criar meios para que as intervenções pedagógicas resultem em maior sucesso no processo de ensino–aprendizagem da linguagem escrita.

Palavras-chave:

Linguagem escrita, aprendizagem, modernidade.

I

Como pensar a relação professor-aluno na modernidade? As marcas do mundo moderno atravessam nosso cotidiano, muitas informações em pouco tempo, tecnologia, diversões e serviços virtuais. O mundo do homem está sendo substituído por representações simbólicas. A brincadeira de rua transformou-se em jogos eletrônicos. O bate-papo do final da tarde em conversas on line, o contato físico de um abraço, um beijo, ou um aperto de mão num clique no mouse do computador.

A educação está sendo afetada por contextos históricos e sociais. As mudanças na cultura, nos valores, no modo de lidar com as pessoas e nas organizações trazem uma bagagem de dúvidas e angústias. O homem-máquina da Revolução Industrial precisa adaptar-se ao homem intelectual, criativo e inovador. A Era do Conhecimento aponta a necessidade da escola atualizar os meios de aprendizagem e proporcionar um ambiente favorável a essa nova cultura. Os professores precisam reestruturar o seu modo tradicional, abandonando o autoritarismo e a repressão para que as crianças possam obedecer e respeitar por questões éticas e não por medo. Ou seja, a Gestão Participativa nas organizações atuais precisa ser aplicada também na escola. Escutar os alunos, valorizar o seu ponto de vista,

desenvolver sua criatividade e despertar o interesse em aprender são tarefas essenciais.

II

A modernidade está sendo analisada e discutida por diversos teóricos. Alguns profissionais conceituam a contemporaneidade como pós-modernidade, porém será apresentado nesse artigo o termo hipermodernidade[1] para definir uma outra faceta da modernidade. Gilles Lipovetsky define duas etapas históricas da modernidade, a primeira refere-se ao início da industrialização, onde apenas a burguesia se beneficiava dos avanços industriais, outro momento histórico, caracteriza-se pela facilidade que a população adquire para consumir os bens materiais. Hoje, mesmo que a população não tenha o capital necessário para comprar um bem que julga necessário, os crediários, os cartões e cheques pré-datados facilitam a compra dos bens que antes eram possível apenas para a burguesia. As propagandas estão divulgando uma felicidade pautada no consumo e no prazer imediato. A população está sendo seduzida a uma cultura hedonista[2]. Lipovetsky (2005) refere-se a essa segunda etapa da modernidade como a era pós-moralista, onde há uma queda do dever moral pautado na igreja e no temor a Deus. Até aproximadamente o século XVIII a sociedade temia os princípios estabelecidos pela igreja. A igreja tinha o poder de organizar moralmente a sociedade, propagando virtudes para aqueles que temiam a Deus. Fazer o bem acima de tudo, da sua própria vida, negando os seus desejos pessoais em prol de uma obediência a divindade e de uma glória eterna prometida aos que eram fiéis, uma recompensa após a morte no paraíso eterno, ou a punição em um inferno eterno àqueles que não eram virtuosos. Os bens materiais não traziam virtudes pessoais, era um desejo pecaminoso. Segundo (Lipovetsky, 2005):

... o homem não é capaz de encontrar em si mesmo as luzes necessárias para conhecer e praticar a justiça. Fora da igreja, não há moral; sem o concurso da fé, a virtude não tem "valor nenhum". Sobre isso, Bossuet e Arnauld concordam com a grande maioria dos teólogos: não há virtude possível sem conhecer e amar ao verdadeiro Deus. O motivo que deve nos levar à prática da virtude não é o respeito moral ao homem, mas o desejo e a glória do Altíssimo. (p. 1)

Durante o processo histórico a igreja foi perdendo a sua força, e o Estado proclamava um novo ideal de felicidade, mas ainda direcionado ao bem da sociedade e não ao desejo individual. Rousseau, Kant, Comte e a filosofia eclética da França mostram claramente a negação da individualidade do sujeito para um bem social. Rousseau inspirou essa nova ideologia combatendo contra os desejos pessoais, sendo essa negação a representação de virtude. Kant elevava a prática incondicional do dever social. Comte afirmava que viver para o próximo seria um dever moral. As filosofias ecléticas da França definem moral como ciência do imprescindível dever, e virtude como a inteira abnegação de si. Para Lipovetsky (2005) desde o iluminismo, os modernos procuravam uma moral que fosse independente dos dogmas religiosos. A partir do século XVIII um novo ciclo iniciava-se, os modernos rejeitam a moral fundamentada em princípios religiosos para ser compreendida como um dever social.

O mundo contemporâneo está fundamentado num outro tipo de dever. No início o dever era para com Deus, depois passa a ser com a sociedade e agora o homem deve a si mesmo. A modernidade cobra ao homem a responsabilidade de cuidar de si, cuidar da sua saúde, do seu corpo, da sua carreira profissional. O sujeito que desiste da sua própria vida é considerado imoral, pois destrói a si próprio, que é o seu bem maior. A sociedade individualista, a sociedade da decepção, a sociedade da busca da felicidade acima de tudo.

Enquanto a era moralista pretendia coibir os excessos da vontade, o mundo atual procura levá-los ao paroxismo; enquanto a era moralista exaltava o cumprimento dos deveres em relação a si e ao próximo, o mundo atual incita ao conforto sem medida. A sedução tomou o lugar do dever, o bem-estar tornou-se Deus, e a publicidade é seu profeta. O reino do consumo e da publicidade exprime muito bem o sentido coeso da cultura pós-moralista. (Lipovetsky, 2005, p. 31)

Os valores éticos vêm sendo transformados ao longo dos séculos. A sociedade conquistou a sua sonhada liberdade, resta saber o que fazer com ela, parece que essa é uma das grandes questões atuais. A liberdade e a felicidade imediata têm levado a sociedade a profundas angústias e crises existenciais. A estrutura familiar exemplifica essas mudanças, hoje existe uma pluralidade de modelos de família. O casamento está fundamentado na satisfação de ambos, caso isso não esteja mais presente, pode ser cancelado a qualquer momento, trazendo para o casal mais responsabilidade do que nos séculos anteriores. Analisando o exemplo da família, observamos que hoje o casal precisa ser mais humano e responsável do que nos séculos anteriores, porém caso o casal não tenha maturidade para resolver problemas e enfrentar as frustrações pertinentes ao cotidiano familiar, poderá ficar numa busca constante por uma suposta felicidade. As crianças e adolescentes precisam de uma educação mais efetiva do que no passado, pois as possibilidades de escolhas estão expostas, não existe mais a censura que regulava a sociedade, tudo está liberado, uma criança pode acessar a internet ou canais a cabo e assistir cenas pornográficas ou de violência com apenas um clique. (Lipovetsky, 2005):

A era pós-moralista enfraquece os deveres em conjunto, mas amplia o espírito de responsabilidade aos filhos. É por isso que os índices de recriminação contra os pais se multiplicam. Estes são responsabilizados, ora por não acompanharem de perto os estudos, ora por não tomarem parte nas reuniões das associações de pais de alunos... (p. 142)

A criança e o adolescente são afetados diretamente pela sedução da modernidade e dos contextos embutidos dessa época. As exigências de uma boa aparência, da moda e do corpo perfeito fazem da criança e do adolescente vítima certas. A sociedade moderna está vivenciando um paradoxo, ao mesmo tempo em que se livra do dever a Deus e social, busca dentro de si, uma cobrança de perfeição e se aprisiona na liberdade almejada. Os pais modernos não sabem como educar seus

filhos, pois a cultura da felicidade acima de tudo causa insegurança e medo de frustrar os filhos. As conseqüências do desequilíbrio social são percebidas nos noticiários, crianças e adolescentes sem limites, ora fazem vítimas na sociedade, ora são vítimas da própria dificuldade de tolerar frustrações. Dessa maneira se entregam às drogas, onde encontram uma forma de sair da realidade e viver numa satisfação ilusória.

A modernidade exige um comportamento ético, a democracia traz consigo a liberdade, mas também o paradoxo. Ao mesmo tempo em que o sujeito é livre, não é, pois esse sujeito está compartilhando o mundo com outros sujeitos que também são livres. A sociedade moderna precisa estar fundamentada em valores éticos. Essa tarefa não é fácil, precisa de muita dedicação e equilíbrio.

III

Os dados que passo a comentar fazem parte de uma pesquisa realizada com crianças indicadas por professoras - como de difícil aprendizagem - das séries iniciais do ensino fundamental, numa escola de Rondonópolis, em Mato Grosso. A escola foi escolhida por aceitar a pesquisa e, além disso, apresentar um ambiente confortável para os alunos, excluindo as variáveis de fatores estressadores como excesso de calor ou falta de recursos materiais e humanos. Os procedimentos metodológicos incluem entrevistas, questionários com crianças e professores e observação da prática docente.

Nas entrevistas realizadas com as professoras foi observado o conceito de aprendizagem e o papel do professor como mediador do conhecimento. No caso das professoras entrevistadas, essas docentes pontuam repetidamente o seu papel como mediador do conhecimento pedagógico e não como um educador para a vida. Ou seja, o papel da educação moral pertence aos pais e não à escola. Quando o professor se refere à responsabilidade da educação moral da criança, outro fator entra em cena, a modernidade. Durante uma atividade em grupo com as professoras foi questionado o entendimento das professoras[3] relacionados ao mundo que vivemos.

Na resposta[4] das professoras observava-se a dificuldade que sentem em interagir com os alunos. Aqui não serão apontados os fatores que podem estar dificultando essa relação, o objetivo é apenas uma demonstração da queixa dos professores a fim de reflexão. Num outro momento, ainda em grupo, foi questionada a distância existente numa escola dos sonhos e da escola real. As reclamações podem ser assim sintetizadas:

- 1. Família não assume o seu papel perante a educação dos filhos e transfere seu papel para a escola;
- 2. A sociedade incentiva o consumismo desenfreado;

- 3. A escola, por sua vez, precisa dar o apoio pedagógico e acaba assumindo a educação familiar e social;
- 4. Falta um referencial para o ser humano (ética/moral/respeito/perseverança/ civismo entre outros)
- 5. Desvalorização do profissional do magistério (exigência demais/remuneração de menos/ falta formação/ apoio moral/ suporte psicológico)

Na resposta acima, no item 1, a questão da responsabilidade com a educação é pontuada. No cotidiano escolar, essas questões surgem com frequência. A função da escola e a função da família parecem não estar clara para ambos (família e escola). No item 2, a influência do consumo é pontuada pelos professores, quando discutiam a questão, uma professora desapontada fala em voz alta que eles (alunos) trazem pra escola celular caríssimo, que nem ela tem condição de comprar. No item 4, os professores começam a refletir a respeito dos valores e no último item pontuam a valorização de seu trabalho e a necessidade de ter um suporte pedagógico e psicológico.

Os alunos também pontuam na sua escrita a influência dos valores contemporâneos. A pesquisa com alunos indicados foi desenvolvida semanalmente, durante uma hora, durante um semestre. Os grupos foram separados obedecendo aos seguintes critérios apontados pelos professores: dificuldade de aprendizagem, dificuldade de aprendizagem com mau comportamento em sala de aula e, ainda, alunos apenas com mau comportamento. Durante os encontros os alunos produziram uma história que teve continuidade semanalmente, além de outras atividades com objetivo de investigar a relação professora-aluno. Nesse artigo serão expostas algumas histórias[5] que mostram a influência da modernidade na escrita dos alunos. O nome dos alunos será fictício, e a história será descrita na citação obedecendo na íntegra à escrita do aluno. O aluno J.A., da segunda-série do ensino fundamental, foi indicado pela professora por apresentar dificuldades no seu comportamento. O avanço da tecnologia e a inovação cada vez mais rápida produzem na sociedade uma insatisfação constante:

O carrão
Era uma vez um carro muito veloz que corria 900 mil por hora. O carro mais veloz do país. Todas as pessoas queriam comprar mas era só um carro. E fez todos os carros de melhor só qualidade e fez no país inteiro o carro e o carro foi tão veloz e não bateu é porque ele é veloz e respeita à lei e tem um carro que corre 1000 mil quilômetros por hora.

O aluno J. A. parece estar feliz com um carro potente e desejado por todos, porém logo percebe que essa satisfação será momentânea, pois outro carro mais veloz irá surgir e se quiser continuar tendo um carro que lhe ofereça *status* terá que se desfazer do seu carro para adquirir outro, e depois outro.

A aluna A.A. não comenta na sua história a necessidade básica de uma família, como por exemplo, a alimentação. A primeira necessidade a ser satisfeita é a do lazer, passear no shopping e depois consumir roupas. Por ser uma escola particular

e provavelmente os alunos não passarem por situações de necessidade básicas, como a alimentação, essa necessidade não foi apontada. Mas fica a questão, por mais que uma criança não vivencie essa situação, a mídia informa a realidade do país, e a informação chega de forma indireta.

A aluna P.L., da quarta-série, aponta claramente o luxo e a moda como uma necessidade fundamental na modernidade:

Um banho de lua
Um dia uma senhorita muito rica e charmosa decidiu tomar um "banho de lua".
_ O que é um banho de lua. Disse uma pobre moça pedindo dinheiro na rua.
A dona respondeu: _ É banho de LUXO em banheira de idromassagem!. Há:
respondeu a pobre moça. _Então estou indo para o meu banho xauzinho!. Falou a senhorita._ Calma espere pelo menos diga o teu nome. Falou a pobre moça Há, sim o meu nome é Marina agora deixe-me ir. Respondeu a moça. Bom então vá! Respondeu a pobre moça. Duas horas depois a senhorita saio do salão toda arrumada e ai encontrou a pobre moça. A senhorita pergunta. Você deseja ir ao salão se arrumar? Sim claro que quero. Falou a pobre moça. Bom então vamos! Então as duas foram se arrumar e foram embora e aí a moça rica deu casa comida roupa e dinheiro. As duas viraram amigas e a mendiga ficou rica e linda.

As necessidades básicas para a felicidade apontada são casa, comida, roupa e dinheiro. E não é uma roupa qualquer, o luxo é enfatizado com letra maiúscula pela aluna, destacando a importância dessa necessidade, mais do que a casa e comida.

O *shopping* é muito mencionado pela criança. Frequentar o *shopping* pelo menos uma vez por semana faz parte da programação semanal de quase todas as pessoas nos tempos modernos. Para algumas pessoas a ida ao *shopping* parece substituir o momento religioso das pessoas no século passado. Lipovetsky (2005) ao diferenciar os valores sinaliza que o dever passa a ser a sedução e Deus passa ser o bem-estar individual. A aluna A.B. , da quarta-série, encaminhada por ser imatura e lenta:

O shopping
Eu e a minha amiga Patrícia fomos ao shopping e convidamos uma amiga a Estela convidamos dos amigos Pedro Henrique e João Lucas primeiro fomos a casa do pão de queijo. Eu falei _ quero 1 pão de queijo e um suco de laranja Patrícia falou_ Quero o mesmo Catarini falou quero o mesmo e uma coca cola de 1 litro: saindo do pão de queijo o João Lucas pedil para a Patrícia para ir na casa dele Patrícia falou _ Sim eu vo mas que oras perguntou? _ João respondeu pode ser 2 horas então tabom e fomos embora. Quando foi 2 horas a Patrícia e eu batemos na porta do João Lucas ele estava tão engraçado!!! Ele falou entra e nós entramos nesta hora eu quase morri dar risada, aí ele falou porque tanta risada? Eu respondi a sua cara parece de palhaço. Ai ele caiu na risada... porque ele estava com 2 pepino nos olhos só para descansar porque estava cansado de tanto andar no shopping. Depois de ter dado a maior risada da cara dele nós pedimos desculpa porque rir da cara dos outros é sem graça _ mas vamos nos divertir vamos dar um pulo na píssina? _ sim vamos e a Yasmim, Patrícia, Pedro Henrique e João Lucas foram para

a piscina e lá foram os 3 adolescentes.
_ Quando foi quase 1:00 hora da manhã todos fomos dormir.
_ Quando foi 9:00 horas da manhã a Yasmim e João Lucas nos fomos, molhar o jardim tinha cada flor linda que não sabia onde começa.
_ E todos os meninos e meninas ficaram FELIZES no jardim.

IV

Os atendimentos aconteceram semanalmente, em horário oposto do turno da aula do aluno. A duração de cada encontro era de uma hora. Nem todas as crianças encaminhadas para atendimento conseguiram freqüentar os encontros semanais, o que não permitiu um trabalho significativo com todos os indicados pela escola.

O gráfico mostra a porcentagem por turma dos alunos indicados para atendimento (no arquivo anexo 1). Analisando os dados observamos que do primeiro ano para o segundo ano a diferença de quantidade de alunos indicados pelas professoras foi muito significativa, 24%.

O terceiro e quarto ano apresentam indicações semelhantes e no quinto ano houve uma queda de encaminhamento para atendimento pedagógico de 2%. Em quase todas as turmas a solicitação para atendimento está na média de 50% dos alunos. Essa quantidade é bem significativa e aponta de forma relevante a dificuldade das professoras em interagir com a criança moderna.

IV

A dificuldade na relação professor-aluno foi apontada diversas vezes em trabalhos anteriores[6]. Ou seja, a idéia de ter um aluno nos padrões estabelecidos pelo professor ainda está presente no cotidiano escolar. A dificuldade em perceber o aluno como um ser ativo no mundo contemporâneo e a possibilidade de uma interação saudável, de respeito mútuo ainda é um desafio a ser conquistado. Na modernidade, nessa nova faceta, onde a tecnologia mobiliza a sociedade a mudar constantemente, tudo se torna efêmero. Os professores como mediadores do conhecimento precisam criar técnicas eficazes para escutarem os alunos e intervirem, de modo que os alunos possam ser capazes de refletir e agirem no mundo atual, não sendo passivos, mas ativos. Jobim e Souza (1997) pontuam claramente essa questão:

É por meio da linguagem que a criança constrói a representação da realidade na qual está inserida. Agindo, ela é capaz de transformar a realidade, mas ao mesmo tempo, é também transformada por esse modo de agir no mundo. Sua participação na dialética da subordinação e do controle deve ser entendida a partir do papel que ela assume na recriação de sua realidade histórica por meio do uso que faz da linguagem nas interações sociais. Nessa perspectiva a criança deixa de ser um objeto a ser conhecido, reconquistando seu lugar de sujeito e autora no mundo em que encontra estabelecida.

Sendo sujeito, a criança não pode permanecer sem voz, e é no diálogo com o outro que ela mostra a indissociabilidade entre a forma e o conteúdo da sua existência ativa no mundo. (p.24)

Nos encontros semanais foi possível perceber o quanto foi significativo para as crianças serem ouvidas e aceitas na sua maneira de expressar a sua percepção do mundo contemporâneo e como foi possível dialogar e refletir sobre os assuntos atuais. As crianças escreviam com satisfação, sabiam que sua história seria lida e discutida no grupo. As crianças desejavam saber o que iria acontecer, como o colega iria finalizar a história, ficavam satisfeitas quando os colegas comentavam sobre a sua história e ficavam felizes quando uma nova idéia surgia para acrescentar na produção escrita. Essa criança ativa, inovadora ainda não é ouvida em muitos lugares e por isso precisamos criar meios para que os professores consigam perceber que a criança não é um vir-a-ser diferente dos adultos. Ela é um ser ativo, em construção, em movimento, assim como o adulto também é.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, E. et al (org.) **Novas contribuições da Psicologia aos processos de Ensino e Aprendizagem**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

AMÂNCIO, L.N.B. **Cartilhas, para quê?** Cuiabá: EdUFMT, 2002.

_____**Ensino de leitura e grupos escolares**. Cuiabá: EdUFMT, 2008.

ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2ª Ed. São Paulo: EPU, 1986.

CAGLIARI, L.C. **lingüística e Alfabetização**. 10ª Ed. São Paulo: Scipione, 2006.

GADOTT, M. **História das idéias pedagógicas**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____**Pensamento pedagógico brasileiro**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1995.

GONZÁLEZ, F. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. 1ª Ed. São Paulo : Thomson, 2007.

IMBERNÓN, F. Et al (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin**. 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

JOBIM E SOUZA, S. et al. (org). **Educação @ pós-modernidade: ficções científicas do cotidiano**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

LEITE, S.A. Et al (Org.). **Alfabetização e letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas**. 3ª Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade Pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Barueri, SP: Manole, 2005.

NÓVOA, A. Et al (Org.). **Vidas de professores**. 2ª Ed. Portugal: Porto Editora, 1992.

PERRENOUD, P. **Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5ª Ed. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L.S.; LÚRIA, A.R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9ª Ed. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

[1] É um termo utilizado por Gilles Lipovetsky para definir a cultura do excesso. O termo "hiper" é empregado em referência a uma exacerbação dos valores criados na modernidade, atualmente elevados de forma exponencial

[2] O **hedonismo** é uma teoria ou doutrina filosófico-moral que afirma ser o prazer individual e imediato o supremo bem da vida humana. O hedonismo moderno procura fundamentar-se numa concepção mais ampla de prazer entendida como felicidade para o maior número de pessoas.

[3] Perguntar a um grupo de pessoas como entendem o mundo em que vivem se torna uma questão bastante subjetiva, levando em consideração que cada indivíduo possui uma concepção diferenciada de mundo, com suas próprias particularidades. Analisando o mundo escolar, muitas vezes não conseguimos interagir com um grupo de alunos, ensinar, passar vivências, pois dentro de uma atitude, entramos em conflito por serem idéias de mundos diferentes. Sendo assim precisamos tentar entender os valores, impostos pela sociedade, tentando transmitir para o aluno uma visão crítica para que possa viver neste mundo regido pelas regras do capitalismo. Vemos o mundo como um processo acelerado, difícil de acompanhar tanto cronologicamente como tecnologicamente.

[4] Linguagem das professoras na íntegra da escrita produzida pelo grupo.

[5] Texto escrito sem correção. Preferi manter a escrita, sem alterar nenhum elemento de ordem gramatical (nem ortográfica ou de configuração textual)

[6] Na relação de bibliografia utilizada para esse artigo, encontram-se várias pesquisas realizadas recentemente sobre a criança moderna. O diferencial dessa pesquisa é a intervenção do psicólogo na relação professor-aluno no cotidiano escolar.

Alunos indicados por turma para apoio pedagógico

